

ISSN 2238-9113**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

INGLÊS INSTRUMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO EQUIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO

Thaís De Andrade Jamoussi (thaisdeandradejamoussi@gmail.com)**Aparecida De Jesus Ferreira (aparecidadejesusferreira@gmail.com)**

RESUMO – Este texto descreve uma experiência do ensino/aprendizagem de inglês, mais especificamente um curso de inglês instrumental, que fazia parte da grade do curso Equidade na Pós-Graduação: Formação Pré-Acadêmica, oferecido pelo Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais, de Gênero e de Sexualidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NUREGS/UEPG). Neste texto, são apresentados os objetivos e a justificativa da disciplina, os conteúdos trabalhados e a metodologia adotada nas aulas. Também são discutidas algumas das dificuldades relatadas pelos cursistas e a percepção da professora da disciplina. Finalmente, são descritas as estratégias utilizadas para a superação das dificuldades, que incluem a conscientização dos cursistas sobre o conhecimento que possuem da língua inglesa, a importância do estudo de textos relacionados com a área de trabalho e de interesse dos cursistas, além do uso de textos utilizados em provas de proficiência de programas de mestrado e/ou doutorado.

PALAVRAS-CHAVE – Curso de extensão. Equidade. Pós-Graduação. Inglês Instrumental.

Introdução

O Núcleo de Estudos das Relações Étnico-raciais, de Gênero e Sexualidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NUREGS/UEPG) tem por objetivo “promover a interação entre acadêmicos/as da UEPG com outras universidades, professores/as, ativistas e interessados em discutir as relações étnico-raciais, de gênero e de sexualidade”¹. Além de inúmeros projetos, cursos e pesquisas desenvolvidas, o NUREGS oferece o curso Equidade na Pós-Graduação: Formação Pré-Acadêmica, que visa contribuir para que os profissionais dos segmentos sociais sub representados possam participar dos processos de seleção dos cursos de pós-graduação.

A experiência relatada neste texto diz respeito à disciplina de Inglês Instrumental, ministrada em 2013 com carga horária de 45 horas/aula. Dentre os objetivos da disciplina

¹ Para mais informações consulte: <http://nuregsuepg.blogspot.com.br/p/o-que-e-o-nuregs.html>

constavam: conhecer e praticar o uso de estratégias e técnicas que possibilitam uma melhor compreensão de textos em língua inglesa; aprimorar a capacidade de leitura e compreensão de textos autênticos em inglês e conscientizar os cursistas sobre o conhecimento que possuem em tal língua bem como sobre estratégias e técnicas de leitura em língua inglesa. Este último objetivo foi um dos mais importantes, pois a percepção que os cursistas demonstraram sobre a competência e fluência na língua inglesa teve papel significativo no desenvolvimento do curso, bem como nos resultados dos testes simulados de exames de proficiência.

Desenvolvimento

Conceituar Inglês Instrumental é essencial não só para que os cursistas saibam o tipo de aula, de materiais, de atividades que podem ser desenvolvidas, mas também para que os professores que trabalham com a disciplina possam definir objetivos coerentes e passíveis de serem atingidos em um curto espaço de tempo. Vários autores discutem a definição de Inglês Instrumental. Internacionalmente, destacam-se Robinson (1980), Kennedy e Bolitho (1984), Hutchinson e Waters (1987) e Dudley-Evans e John (1998), e no Brasil, Holmes (1981), Celani et al. (1988) e Araki (2013). É importante reforçar que ocorreram debates acadêmicos a respeito da definição do termo “inglês para fins específicos” ou “Inglês Instrumental”. Autores como Hutchinson e Waters (1987) discutem a ideia de que na verdade o Inglês Instrumental “[...] deveria ser visto como uma abordagem e não um produto [...] uma abordagem de ensino-aprendizagem a qual se baseia nas necessidades do aluno” (p. 19).

A nomenclatura Inglês para Fins Específicos, *English for Specific Purposes* (ESP em inglês), deixou de ser usada, pois de acordo com alguns autores sugeria a ideia de linguagens especiais ou restritas. Assim, surge o termo Inglês Instrumental “[...] para ampliar seu escopo e referir-se a todos os recursos que a língua coloca a nossa disposição, passou-se a usar a palavra específico, focando a atenção nos propósitos do aprendiz” (VIAN JR., 1999, p. 441).

A estudiosa que trata da história do ensino de Inglês Instrumental no Brasil, Celani (1983), menciona que o Inglês Instrumental, no Brasil, surgiu no final dos anos 1970 em decorrência da necessidade dos docentes e discentes das universidades brasileiras. Com a crescente necessidade de leitura de textos, artigos que visavam a sua formação continuada, mas com a impossibilidade de traduções destes materiais, surge um projeto coordenado por tal autora para suprir as necessidades de aprendizagem tanto de leitura quanto do ensino de inglês, relacionado à ciência e tecnologia.

Com base no entendimento de Inglês Instrumental² e das experiências profissionais com o ensino de Inglês Instrumental, a disciplina de Inglês Instrumental no curso Equidade na Pós-Graduação da UEPG teve início com o levantamento das expectativas dos cursistas, suas necessidades, seus entendimentos sobre o termo Inglês Instrumental, bem como a discussão sobre as experiências dos cursistas com o ensino/aprendizagem de inglês. A discussão e análise inicial sobre necessidades, expectativas e experiências passadas com o ensino/aprendizagem de inglês demonstraram que os cursistas estavam cientes de que as aulas não envolveriam o desenvolvimento/aprimoramento de todas as habilidades linguístico-comunicativas, ou seja, ler, escrever, falar e ouvir, mas que a ênfase seria na leitura de textos nessa língua (resumos e artigos, em especial). Os cursistas demonstraram também, nesta sondagem inicial, que esperavam aprender formas de ler textos em inglês (técnicas e estratégias). No entanto, a maioria dos cursistas afirmou ter grande ansiedade com relação à possibilidade de desenvolver/aprimorar suas habilidades/competências de leitura, uma vez que consideravam sua fluência na língua básica. Um aspecto importante mencionado pelos cursistas foi com relação ao contato, forma de contato e frequência de contato com o inglês. A maioria dos cursistas tinha contato espontâneo e frequente para fins de lazer, por exemplo, ouvir música e assistir a filmes. Em outras palavras, os cursistas eram aprendizes “passivos, não intencionais”. Este tipo de comportamento foi particularmente relevante quando em muitas atividades, alguns cursistas acionaram/lembrou não só conhecimentos adquiridos nessa língua nos momentos de lazer, mas também como estes conhecimentos foram adquiridos, assimilados e utilizados na resolução de atividades do curso.

Com base nos dados obtidos por meio da sondagem inicial consideramos relevante trabalhar com os conteúdos da disciplina a partir de atividades iniciais de reconhecimento e, em seguida, atividades de produção. Os conteúdos da disciplina incluíam os seguintes temas/aspectos do ensino/aprendizagem de Inglês Instrumental: reconhecimento de gêneros textuais, objetivos da leitura e níveis de compreensão, cognatos; conhecimento prévio, *skimming*, *scanning* – buscando informações específicas no texto; informação não verbal – trabalhando com gráficos e tabelas; inferência textual – *contextual guessing*; palavras-chave; grupos nominais; referência pronominal; marcadores discursivos; gêneros acadêmicos –

²“Um curso de inglês para fins específicos é intencional e objetiva o desempenho bem sucedido de papéis profissionais ou educacionais. Baseia-se na análise rigorosa das necessidades dos alunos e deve ser elaborado para atender alunos reais. [...] Em geral é de curta duração. Os alunos em geral são adultos e podem ter qualquer nível de competência na língua”² (ROBINSON, 1981, p. 13).

artigos, resumos – *abstracts*. Ressaltamos que a disciplina foi ministrada a partir de dois gêneros textuais com base nas discussões de Marcuschi (2003) – resumo e artigo – assim, foi fundamental ter claro o conceito de gênero textual, suas características, bem como a importância de reconhecer os objetivos dos gêneros, para que as atividades ligadas às técnicas e estratégias de leitura fossem desenvolvidas.

Conforme já mencionado, as atividades sobre os diversos conteúdos eram inicialmente de reconhecimento, ou seja, atividades nas quais os cursistas deveriam reconhecer e circular, sublinhar, destacar ou relacionar os exemplos de elementos nos diferentes gêneros textuais. À medida que os cursistas demonstravam maior nível de segurança com relação aos conteúdos e de confiança com relação às suas habilidades/competências, passamos para as atividades de produção. Em suma, as atividades realizadas pelos cursistas sempre partiam das mais simples às mais complexas.

Dentre as dificuldades apresentadas pelos cursistas, podemos citar a passagem do conhecimento construído na prática coletiva à prática individual. Em muitas ocasiões, mencionaram que eram capazes de realizar as atividades quando estas eram realizadas em grupos ou em pares, mas quando tinham que realizá-las individualmente, apresentavam muita dificuldade e insegurança, o que gerava estresse e frustração. Para superar este tipo de dificuldade, foi preciso retomar a discussão do início da disciplina, na qual os cursistas mencionaram como utilizavam a língua inglesa para fins de lazer e como agiam quando não compreendiam uma letra de música, por exemplo. Assim, em várias ocasiões foi preciso retomar e reforçar a importância do uso de estratégias e técnicas, por exemplo, o uso do *contextual guessing*, que nada mais é do que a observação cuidadosa do contexto no qual determinada palavra ou estrutura aparece. Estratégia que está em conformidade com os estudos *sobre e com* os gêneros textuais. Outra dificuldade citada por alguns cursistas foi o acesso a materiais – artigos, resumos – de suas áreas de atuação. A dificuldade, para alguns, era saber selecionar as fontes apropriadas, confiáveis e atuais de materiais para estudo.

Esta dificuldade foi socializada em sala de aula, e todos os cursistas contribuíram com sugestões de *links* de base de dados atuais como o site de periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), além disso, apresentamos sugestões de revistas acadêmicas, dentre elas a publicação do *Braz-Tesol* – Associação Brasileira de Professores de Inglês para Falantes de Outras Línguas – os professores de línguas estrangeiras, a *Revista X* entre outros periódicos.

Considerações finais

A experiência com o ensino/aprendizagem de Inglês Instrumental no curso Equidade na Pós-Graduação: Formação Pré-Acadêmica, oferecido pelo Núcleo de Estudos das Relações Étnico-raciais, de Gênero e Sexualidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NUREGS/UEPG) possibilitou algumas reflexões.

A experiência do curso mostrou as dificuldades encontradas/percebidas pelos cursistas e as formas de superação, que incluíram a conscientização do conhecimento da língua inglesa, a importância do estudo de textos relacionados com a área de trabalho e de interesse, além de textos provenientes de provas de proficiência em programas de mestrado e/ou doutorado. Além disso, devemos mencionar o acesso a materiais das diferentes áreas de atuação dos cursistas, pois consideramos importante que as dificuldades enfrentadas por eles, em particular por aqueles professores que estavam afastados algum tempo da vida acadêmica, da formação continuada, foram superadas por meio da colaboração entre todos os participantes. É possível afirmar que os cursistas perceberam a relevância dessa contribuição por acreditarem que o conhecimento de determinada área poderia ser útil à sua área de conhecimento, isso se deu pelo trabalho dos gêneros textuais trabalhados, pois compartilhavam os objetivos, as estruturas e, em muitos casos, o vocabulário.

Um aspecto bastante relevante diz respeito à conscientização por parte dos cursistas da necessidade de sempre *aprender a aprender* (NOVAK; GORWIN, 1984), de modo especial, quando participam de cursos depois de passarem um tempo afastados de uma área particular ou quando estudam, depois de muitos anos, uma disciplina nova. Dessa forma, a partir dos resultados obtidos com esta experiência de ensino/aprendizagem de Inglês Instrumental, acreditamos que é necessário tornar a disciplina cada vez mais adequada às necessidades dos cursistas, com o objetivo de ajudá-los a utilizarem as estratégias e técnicas de leitura não só dos gêneros textuais estudados, como também de outros gêneros acadêmicos.

Referências

ARAKI, L. E. *A disciplina Inglês Instrumental no ensino superior e as representações de seus professores: um estudo de caso*. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2013.

CELANI, M. A. A. Considerações sobre a Pesquisa " A Necessidade e Eficiência do Ensino de Inglês Instrumental Em Universidades Brasileiras". THE ESPECIALIST, v. 02, n.03, p. 2-9, 1983.

CELANI, M. A. A. et al. *The brazilian ESP project: an evaluation*. São Paulo: EDUC, 1988.

DUDLEY-EVANS, T.; JOHN, M. J. *Developments in English for specific purposes: a multidisciplinary approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FERREIRA, L. M. C. B.; ROSA, M. A. S. da. A origem do Inglês Instrumental. *Revista Helb.*, v. 2, n. 2, p. 1, 2008. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=103:a-origem-do-ingles-instrumental&catid=1080:ano-2-no-02-12008&Itemid=11>. Acesso em: 28 nov. 2014.

HOLMES, J. What do we mean by ESP? Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras. *Working Paper 2*. São Paulo, SP, PUC-SP. 1981.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. *English for specific purposes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

KENNEDY, C.; BOLITHO, R. *English for specific purposes*. London: Macmillan, 1984.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B. *Learning how to learn*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

ROBINSON, P. *ESP - English for specific purposes*. Oxford: Pergamon Press, 1980.

TOTIS, V. P. *Língua inglesa: leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.